

## **PESQUISA E ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS: DIÁLOGO ENTRE EPISTEMOLOGIA E FORMALIZAÇÕES METODOLÓGICAS**

### **RESEARCH AND DEVELOPMENT OF SCIENTIFIC PAPERS: THE DIALOGUE BETWEEN EPISTEMOLOGY AND METHODOLOGY FORMALIZATION**

**Maria Raquel Gomes Maia Pires<sup>1</sup>**

**Leila Bernarda Donato Göttems<sup>2</sup>**

#### **RESUMO**

A influência da ciência moderna na área da saúde reproduz-se hegemonicamente na formação e prática dos profissionais, traduzindo-se em iniquidades sociais e requerendo mudanças nos processos formativos. Nesse estudo de revisão teórica sistemática indicam-se reflexões, diretrizes e roteiro que subsidiam a produção crítica de conhecimentos, afinando o diálogo entre a epistemologia e as formalizações metodológicas. Argumenta-se que a pesquisa como crítica de realidades é condição para a formação de sujeitos autônomos, contribuindo para uma formação dialógica na saúde. Objetivou-se refletir sobre a pesquisa como meio para crítica de realidades, produção de sujeitos autônomos e reconstrução das práticas em saúde. Indicam-se orientações para a produção científica na graduação e na pós-graduação. O uso de diretrizes e roteiros para a elaboração de trabalhos científicos, a partir do diálogo entre epistemologia e formalização acadêmica, facilita a compreensão das possibilidades teórica, ética, política e técnica da ciência.

**Palavras-chaves: Pesquisa– Metodologia – Educação**

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em arte, lúdico e tecnologias educativas na saúde e Doutora em Política Social pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem/Faculdade de Saúde/Universidade de Brasília. Endereço: Departamento de Enfermagem/Faculdade de Saúde/Campus Universitário Darcy Ribeiro. Asa Norte, Brasília- DF. CEP: 70910-900 Tel: 61-3107-1711/2515 Fax: 61 3273-3807. E-mail: maiap@unb.br

<sup>2</sup> Doutora em Administração pela Universidade de Brasília. Professora da Escola Superior de Ciências da Saúde da Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal e da Universidade Católica de Brasília. Endereço: SHCES Q. 1109, Bl. D, Aptº. 101, Cruzeiro Novo, CEP 70 658 190, Brasília, DF, Brasil. E-mail: leilad@ucb.br, leila.gottens@uol.com.br.

### **ABSTRACT**

The modern science influence in the health field is reproduced mainly at the upbringing and the daily basis of the health professionals, this is translated in the ways of social inequality and requires a change in the upbringing processes. This review study indicates ponderations, directresses and guidelines that allow the critical production of knowledge, tuning the dialogue of epistemology and methodology formalizations. For the upbringing of independent individuals there is an argumentation that researches that criticize reality is a condition for the upbringing, allowing a dialogic formation in the health field. The objectives were to reflect about researches as a way to criticize reality, upbringing of independent individuals and health practice reconstruction; to indicate guidelines for scientific production in graduation and post graduation schools. The use of guidelines and regulations for scientific papers production, in the light of epistemology and academic formalization dialogue, enables the comprehension of theoretical possibilities, ethics, politics and science technique.

**Keywords: Research – Methodology - Education**

### **RESUMEN**

La influencia de la ciencia moderna en el área de salud reproduce hegemónica en formación y la práctica de profesionales, dando lugar a desigualdades sociales y que requieren cambios en los procesos de formación. En este estudio de revisión sistemática de la literatura, de reflexión, la escritura y lineamientos que apoyen la producción crítica del conocimiento, mediante la regulación del diálogo entre la epistemología y el formalismo metodológico. Se argumenta que las realidades de la investigación como es la condición fundamental para la formación de sujetos autónomos, contribuir a un diálogo sobre la educación para la salud. Los objetivos eran direccionar la investigación como medio de situaciones críticas, la producción de individuos autónomos y la reconstrucción de las prácticas de salud - para indicar las directrices científicas para estudiantes de pregrado y postgrado. El uso de directrices y planes de trabajo para la preparación de trabajos científicos del diálogo entre la epistemología y formal facilita académico de la comprensión de las posibilidades teóricas, éticas, políticas y técnicas científicas.

**Palabras clave: Metodología - Investigación - Educación**

## INTRODUÇÃO

A elaboração de trabalhos científicos na área da saúde se caracteriza, na maioria das vezes, pela desarticulação entre a epistemologia e as formalizações metodológicas; preponderância do positivismo; pragmatismo inibidor de questionamentos transformadores e excessiva preocupação com a ‘técnica’ - ou artefato dos conhecimentos que instrumentaliza o trabalho<sup>(1)</sup> - em detrimento de abstrações teóricas mais consistentes. Nesse cenário, urge ampliar as possibilidades da epistemologia, ou teoria do conhecimento, para as produções críticas, teoricamente sustentáveis e eticamente comprometidas com o bem-comum. Tal premissa se faz relevante na medida em que a saúde mobiliza um conjunto de atores e recursos estratégicos para as capacidades produtivas das pessoas, traduzindo-se em possibilidades de enfrentamentos, se mediadas por uma biopolítica inerente ao viver humano<sup>(2)</sup>.

Esse estudo questiona que quadro teórico e metodológico pode subsidiar a elaboração de trabalhos científicos na área da saúde, a partir do diálogo entre a epistemologia e as formalizações acadêmicas. Vê-se a epistemologia como teoria do conhecimento, filosofia que reflete os sentidos éticos, políticos e metafísicos das realizações científicas<sup>(3)</sup>; já a ‘formalização acadêmica’ diz respeito ao caráter normativo das produções, em geral centrada nas técnicas de pesquisa e nas normas bibliográficas para a formatação textual das produções. Argumenta-se que a pesquisa como crítica de realidades, e meio para a produção científica, é condição para a formação de sujeitos autônomos, contribuindo para uma formação dialógica na saúde.

Para subsidiar produções científicas que transcendam o caráter estritamente formal (ou normalizável bibliograficamente), avançando-se na reflexão crítica sobre os usos (e desusos) sociais da ciência<sup>(4)</sup>, há de se ampliar teorizações sobre o que é pesquisa, à luz da discussão atual sobre modernidade e pós-modernidade, ressaltando a necessidade de se introduzir a dúvida para o cânone científico, reconstruindo-o<sup>(5-7)</sup>

## METODOLOGIA

Trata-se de um artigo de revisão integrativa sobre a teoria do conhecimento, pós-modernidade e uso de roteiros orientadores para a elaboração de trabalhos científicos em disciplinas de graduação e de pós-graduação. Levantaram-se artigos científicos publicados em periódicos nas bibliotecas virtuais, especialmente <http://www.scielo.br/>, além de livros clássicos e demais referências. Utilizaram-se as palavras-chaves pesquisa, educação, metodologia científica, ciência, pós-modernidade. Para sistematização das diretrizes metodológicas a partir da revisão teórica realizada,

levou-se em conta a experiência docente das autoras em disciplinas de metodologia científica, nas orientações acadêmicas e em cursos de atualização sobre a elaboração de projetos. O trabalho estrutura-se em duas partes articuladas; a primeira discorre sobre o conceito de pesquisa como crítica da realidade em saúde, avançando nas principais tipologias empregadas, cujo intento é delimitar em texto básico para as discussões epistêmicas sobre pesquisa, ciência e saúde. Em seguida, apresentam-se diretrizes e um roteiro para a elaboração de trabalhos científicos, fruto da interface entre a teoria do conhecimento e as formalizações metodológicas.

## **PESQUISA COMO CRÍTICA RECONSTRUTIVA DE COTIDIANOS EM SAÚDE**

A produção de conhecimentos sobre a realidade que nos completa, calcada em interpretações fundamentadas na unidade teoria-prática, na multidimensionalidade dos saberes/formas de participar do mundo e no debate sobre cientificidade revigorado pela pós-modernidade, traduz a vanguarda de uma ciência mais próxima do bem-comum e da ética. Tal presunção resgata dimensões importantes, como as discussões acerca da relevância social da ciência, a problematização enquanto categoria central ao ato investigativo, bem como a inclusão dos sujeitos na pesquisa, utilizando os conhecimentos produzidos, atores e a realidade estudada como possibilidade para recriação de cotidianos. Sem a pretensão de esgotar a complexidade desses aspectos, destaca-se o caráter eminentemente crítico da pesquisa, as mudanças conceituais recentes, a necessidade de se ampliar as tipologias e os entendimentos da investigação, para além do paradigma da ciência clássica moderna<sup>(5)</sup>.

No debate entre cientificidade, ética e bem-comum no contexto pós-moderno, o conceito de pesquisa é alvo de revisitações, na tentativa de torná-lo mais acessível e próximo dos processos educativos. A clássica visão difundida, de que a pesquisa é coisa de gênios superdotados, fora do convívio social, meio loucos ou incompreensíveis, mantém um estereótipo que em nada contribui à formação crítica<sup>(6)</sup>. Pesquisar diz respeito à capacidade de formular perguntas sobre o mundo, numa busca por melhor compreensão da natureza, das culturas, das sociedades, da vida e da própria humanidade. É a atitude de recriar possibilidades pela inquietude do sujeito cognoscente, que se inventa a si próprio de maneira autônoma<sup>(7)</sup>. Como meio de reconstrução, concentra-se na atividade de aproximar-se sucessivamente de uma realidade que nunca se finda, por que é mais complexa que nossa limitada capacidade de apreensão, que sempre capta melhor as recorrências dos fenômenos do que o caos. Em sentido amplo, pesquisar envolve reflexão-ação de sujeitos criativos, como exercício do saber pensar e intervir de maneira inovadora. Sendo processo, tal atitude aprimora a capacidade de formular críticas frente a uma realidade cada vez mais incerta, não-linear e complexa<sup>(8-9)</sup>.

Da mesma forma que, na crítica à ciência moderna feita pela pós-modernidade<sup>(5)</sup>, a infalibilidade da ciência pode ser questionada, combate-se a pesquisa enquanto mito, aproximando-a dos processos de aprendizagem dos sujeitos. A pesquisa como instrumentação necessária ao conhecimento para a intervenção humana, tendo por suposto o questionamento da aparência dos fenômenos e a autonomia calcada na elaboração própria, não é atributo somente dos cientistas; é também diretriz cognitiva para a sistemática compreensão e recriação de cotidianos. O que se advoga é a utilização da pesquisa como ação para se pensar a realidade e fundamentar interpretações sobre a mesma, defendendo-a de forma crítica e consistente. A curiosidade humana, inerente aos seres que aprendem, precisa ser estimulada nos processos educativos centrados na pesquisa como forma de aprofundar visões de mundo, desvelar ideologias e produzir ações éticas centradas no conhecimento e na participação dos cidadãos<sup>(7)</sup>.

No que se refere à instrumentalização da pesquisa, existem diversas tipologias, a depender dos olhares e dos enfoques possíveis do campo investigativo, todos incompletos e passíveis de críticas. Tal multiplicidade abre um leque interessante ao pesquisador, que poderá escolher aquele autor e/ou referência que melhor esclarecerá as questões formuladas. Nestes termos, a classificação dependerá primeiramente do objeto, depois da análise e do referencial teórico que fundamentam a investigação. No intuito de delinear alguns tipos, métodos, técnicas e abordagens relevantes para a área da saúde, segue-se um breve arrazoado, dentre tantos outros possíveis e necessários à pluralidade dos saberes científicos, em que se busca exemplificar correntes e rumos sobre o fazer da pesquisa.

No âmbito da pesquisa social, delimitam-se cinco modalidades<sup>(10)</sup>: i – pesquisa básica; ii- pesquisa estratégica; iii- pesquisa orientada para problema específico; iv- pesquisa-ação e v- pesquisa da inteligência. A *básica* se preocupa com a construção de teorias e o teste das mesmas, sem finalidade prática, embora possa influenciar e subsidiar políticas públicas e decisões governamentais. A *estratégica* se baseia nas teorias das ciências sociais e orienta-se para os problemas oriundos da sociedade, embora não tenha a pretensão de resolvê-los, mas analisá-los com profundidade e propor-lhes alternativas. A *orientada para um problema específico* se refere àquela realizada dentro de instituições governamentais ou para elas. Muito próxima a esta definição, a *pesquisa de inteligência* diz respeito aos levantamentos estatísticos, econômicos e demográficos que subsidiam a formulação de políticas.

A pesquisa-ação consiste num tipo de investigação social de base empírica voltada para a prática e/ou para resoluções de problemas dela advindos. Existe uma clara opção e comprometimento ideológico do pesquisador com o objeto ou problema delimitado, onde ele não

apenas o investiga, mas ajuda o grupo a enfrentá-lo. Esta seria a principal característica desta modalidade, podendo também ser denominada de pesquisa participante<sup>(11)</sup>. A ampliação da participação política de sujeitos coletivos mediados pela *pesquisa-ação* caracteriza-se por<sup>(11)</sup>: a- explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b- ordem de prioridades de problemas/objeto estabelecidos a partir do diálogo entre sujeitos envolvidos; c-objeto constituído pela situação e problemas partilhados; d- objetivo calcado na resolução e/ou esclarecimentos da situação observada; e- processo de acompanhamento das decisões, ações e atividade dos atores e f- não-limitação à ação (risco de ativismo), ampliando o conhecimento das pessoas e grupos considerados.

Com o enfraquecimento da neutralidade científica enquanto verdade absoluta, bem como o engajamento de intelectuais em movimentos sociais reivindicatórios, as pesquisas participantes são utilizadas com certa expressividade a partir da década de 70, com boas produções e resultados. Apesar disto, ocorrem 'abusos' e banalizações em algumas dessas investigações, quando desconsideram o rigor metodológico como diferencial da ciência, capaz de torná-la sustentável, crítica e válida<sup>(12)</sup>. A esse respeito, alerte-se sobre o equívoco comum das pesquisas participantes redundarem em militância destituída de cientificidade, prescindindo da discussão epistêmica, requisito fundamental à sustentabilidade dessa forma não convencional de pesquisa.

A classificação em pesquisa teórica, metodológica e empírica delimita recortes igualmente utilizados no campo social<sup>(6)</sup>. A teórica se dedica a reconstruir conceitos, idéias, ideologias e polêmicas com o interesse de aprimorar teorias. A metodológica interessa-se pelo campo da cientificidade, polêmicas e paradigmas metodológicos, calcado em debates epistemológicos importantes. A empírica aborda a face factual da realidade e, diferentemente da pesquisa-ação, não tem a pretensão de modificar imediatamente o problema investigado, produzindo e analisando os dados com rigor metodológico.

A divisão dos tipos de estudos científicos em exploratórios, descritivos e experimentais é muito comum na área da saúde<sup>(13)</sup>. O tipo exploratório corresponde aos estudos centrados em revisões, antecedentes, teorias e aprofundamentos teóricos sobre determinado tema, partindo de uma hipótese prévia. Corresponde também a *fase exploratória* da investigação, subsidiando a elaboração do projeto de pesquisa<sup>(10)</sup>. No campo descritivo incluem-se a maioria das investigações que se interessam em compreender e aproximar-se da realidade prática. Inclui-se o delineamento *estudo de caso* como um tipo de pesquisa descritiva, uma vez que tem por finalidade esmiuçar uma determinada *unidade de significação* do contexto em foco. A pesquisa experimental corresponde ao

rigoroso controle de variáveis, amostragem, amostra e estudos estatísticos para validação das hipóteses.

No âmbito da caracterização da pesquisa por natureza, os recortes são infundáveis, não sendo objeto deste texto esgotá-los. Em geral, é comum subdividir a pesquisa segundo os objetivos (exploratórias, descritivas, explicativas), fonte de dados (campo, laboratório, bibliografia), procedimento de coleta de dados (experimental, ex-post-facto, levantamento, Estudo de Caso, pesquisa-ação, bibliográfica, documental). Contempla ainda<sup>(14)</sup>: campos de atividade humana (multidisciplinares/interdisciplinares), utilização dos resultados (pura/aplicada), técnicas e instrumentos de observação (direta-participante/não participante ou indireta-questionários/entrevistas) ou material utilizado na elaboração (bibliográfica/documental).

No escopo das complexas dimensões do adoecimento, recuperação e promoção da saúde, as interpretações quantitativas e qualitativas são amplamente utilizadas, quer de maneira distintas ou complementares<sup>(15-16)</sup>. Independente da tendência, importa não perder de vista a dimensão epistemológica que subsidia o processo investigativo. Compreender sujeito e objeto como partícipes do mesmo processo social, dinâmico e ambivalente, exige abordagens em pesquisa que contemplem as limitações frente aos cotidianos sociais. Isso não significa recusa aos instrumentos formais de análise, ao contrário, exige seu aperfeiçoamento constante, na tentativa de aproximar-se objetiva e subjetivamente dos fenômenos estudados. Implica dizer que os instrumentos, indicadores, meios e técnicas empregadas, sempre a serviço da realidade que se pretende refletir, estarão em constante reconstrução e adequação para melhor apreensão de informações que subsidiem as análises. Neste espírito flexível, cabe ao pesquisador não apenas citar os procedimentos metodológicos adotados, mas justificá-los frente às exigências do objeto, tendo por premissa ética o compromisso com uma ciência que considere a saúde como direito e expressão da cidadania.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO: DIRETRIZES E FORMALIZAÇÕES METODOLÓGICAS NA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS EM SAÚDE**

Na articulação entre epistemologia, técnica e normalizações bibliográficas, as apresentações de trabalhos científicos ganham destaques oportunos. Se ciência e pesquisa ampliaram seus tons, o modo de apresentá-las igualmente modificou-se<sup>(17)</sup>. A preocupação exagerada com a 'forma', característica da ciência clássica moderna, deixa muitas vezes o conteúdo a desejar, limitando discussões e questionamentos pertinentes. Em vista dos debates sobre cientificidade iluminados pela crítica à racionalidade moderna, as possibilidades do que é trabalho científico se ampliam<sup>(17)</sup>. Assim, um projeto técnico para organização de serviços de saúde, por exemplo, calcado numa

interpretação bem fundamentada e consistente sobre determinado problema, pode ser científico, desde que responda ao rigor metodológico inerente ao fazer da ciência. Para além dos clássicos relatórios de pesquisa, teses e dissertações, a apresentação do trabalho científico se flexibilizou, atendendo as demandas dos processos educativos e das publicações.

O excesso de preocupação dos profissionais e estudantes da saúde com a formatação dos trabalhos científicos (normalizações bibliográficas), em relação à reflexão teórica, precisa ser revisto. Tal premência se ambienta nas atuais discussões das mudanças nas políticas de saúde e de educação no Brasil<sup>(18)</sup>. A título de breves indicações sobre a elaboração de trabalhos científicos, e na tentativa de evitar alguns equívocos importantes, seguem algumas recomendações ao processo de redação do texto científico, sempre sujeitas a críticas e reformulações:

- A elaboração de um texto científico requer coerência argumentativa, sistematicidade e fundamentação teórica, calcados na preocupação epistêmica de justificá-lo enquanto ciência;
- Os conceitos, concepções e teorias dialogadas subsidiam as problematizações levantadas, avançando-se na sustentação teórica das mesmas;
- Os termos presentes na delimitação do tema e hipótese são contextualizados no decorrer do texto, evitando vazios teóricos ou abstrações que não se referem ao problema colocado;
- No processo de elaboração, seja para sustentar ou refutar argumentações, é importante transitar por várias correntes ou teorias explicativas, aprofundando visões e contradições presentes no objeto analisado;
- Procura-se evitar relações causais rígidas, restritivas das múltiplas possibilidades explicativas presentes na realidade, tendo em vista as discussões sobre incerteza, complexidade e não-linearidade da ciência pós-moderna.
- Os posicionamentos do texto precisam ser firmes, porém abertos a críticas e reconstruções, evitando-se contradições teóricas entre autores divergentes. Se o pesquisador não estiver devidamente seguro e bem fundamentado sobre determinadas argumentações, é melhor não fazê-las, evitando entrar em polêmicas que não tem domínio, posto que isso fragiliza teoricamente o texto.
- Recomenda-se cuidado com a coerência das idéias, evitando contradições que fragilizam o argumento, considerado principal critério de cientificidade pela hermenêutica-dialética<sup>(12)</sup>;



➤ Citações são utilizadas com critério e somente quando relevante. É preferível comentar autores e referências para se colocar com voz própria, a utilizá-las excessivamente como se fora um “escudo”.

Quanto à estruturação de projetos, como forma de sistematizar questões problematizadoras, sejam de pesquisa e/ou de intervenção em cotidianos, considerem-se os tópicos do quadro a seguir:

### QUADRO 1- REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DE PROJETOS

DE PESQUISA	DE INTERVENÇÃO/AÇÃO
a- Tema: Recorte da realidade social com características comuns. Refere-se a um determinado campo de estudo dentro de uma área específica de conhecimento.	a- Tema- idem.
b- Objeto/Problema: foco central do estudo, alvo da investigação. Corresponde a principal inquietação frente ao tema. Se o “problema” estiver bem delimitado, e quanto maior for a aproximação do pesquisador com o mesmo, melhor será o desenvolvimento do projeto. Para auxiliar na delimitação do objeto, recomenda-se colocá-lo na forma de pergunta;	b- Situação-problema: descrição do contexto no âmbito do programa, política e/ou serviço que se pretende intervir. Aqui, tanto quanto no projeto de pesquisa, delimita-se o cenário e a formulação do problema que se pretende enfrentar.
c- Objetivos: Indica qual é o propósito da pesquisa, ou até onde se pretende ir. Sucinto, curto, direto e realizável. A coleta e discussão dos dados Serão coerentes com os objetivos, mantendo sistematicidade argumentativa.	c1- Metas: direciona onde se pretende chegar (imagem-objetivo) e descreve a ‘situação desejada’, tendo em vista a análise e/ou problematização realizada anteriormente. Deve ser mensurável, seja sob o ponto de vista quantitativo ou qualitativo. c2- Objetivos: descreve as ações a serem desenvolvidas, relacionando-as às metas.
d- Referencial Teórico: Fundamentação do objeto, contextualizando-o na realidade. Os conceitos, ideais e pressupostos presentes são justificados em referências relevantes para o estudo. O aprofundamento de teorias e concepções confere	d- Referencial Teórico: Igualmente fundamenta a análise da situação problema, bem como as proposições elaboradas. Recomenda-se o mesmo rigor metodológico para a produção do texto científico do projeto

sustentabilidade e credibilidade ao texto científico, mantendo-o academicamente sustentável.	de pesquisa.
e- Metodologia: Caminho que será percorrido pela pesquisa, dentro dos objetivos, problema e hipótese da investigação. É instrumento, meio, forma de fazer. Classifica-se o tipo de pesquisa; delimitam-se o universo, os sujeitos, as técnicas, fontes de informações, análises de dados e aspectos éticos.	e- Estratégias e Ações: uma vez definidas as metas e objetivos, discriminam-se as ações para se atingi-los, mantendo coerência e sistematicidade metodológica. e-1- Avaliação: descrevem-se os mecanismos de avaliação das metas e dos objetivos previstos. Recomenda-se, a depender do tipo de projeto/objeto, a delimitação de indicadores.
f- Cronograma: discriminação das etapas da pesquisa temporalmente	f- Cronograma:discriminação temporal das ações do projeto.
g- Referências Bibliográficas: listagem de toda a bibliografia utilizada, segundo ABNT ou Vancouver.	g- Referências Bibliográficas: listagem de toda a bibliografia utilizada, segundo ABNT ou Vancouver.

## CONCLUSÃO

Cabe conceber a pesquisa como atitude e crítica de realidades, definidora de processos educativos, podendo contribuir para a formação de cidadãos questionadores do contexto em que se inserem. Na saúde, tal assertiva se articula às reivindicações/produções por mudanças no modelo assistencial, inaugurado pelo movimento da reforma sanitária que redundou no SUS. Faz-se necessário avançar na construção de uma ciência co-responsável, capaz de superar a racionalidade biomédica hegemônica, mecanicista, fragmentada e desigual de interpretar os problemas de saúde da população. O uso de diretrizes e roteiros orientadores tanto facilita o ensino da metodologia científica, constituindo-se em recurso didático oportuno, quanto pode ampliar a compreensão dos sujeitos sobre as múltiplas possibilidades da produção do conhecimento, em especial se o concebermos como teoria, crítica e fomentador de intervenções éticas.

## REFERÊNCIAS

1. Gorz A. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo: AnnaBlume; 2005.

2. Hardt M, Negri A. Império. Rio de Janeiro: Record; 2002.
3. Japiassu H, Marcondes D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2006.
4. Bourdieu P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp; 2004.
5. Santos BS, organizador. Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as Ciências revisitado. São Paulo: Cortez; 2004.
6. Demo P. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados; 1998.
7. Maturana HR, Varela FJG. De máquinas e seres vivos. Autopoiese: a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
8. Morin E. Ética. Porto Alegre: Sulina; 2005.
9. Demo P. Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não-linear do conhecimento. São Paulo: Atlas; 2002.
10. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: ABRASCO; 2006.
11. Thiollent M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez; 2005.
12. Sokal A, Bricmont J. Imposturas Intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos. Rio de Janeiro: Record; 2001.
13. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
14. Pádua EMM. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. Campinas: Papyrus; 2004.
15. Sampieri RH, Collado CF, Lúcio PB. Metodologia de pesquisa. São Paulo: McGraw-Hill; 2006.
16. Creswell JW. Projeto de pesquisa: método quantitativo, qualitativo e misto. Porto Alegre: Artmed; 2010.
17. Pires MRGM. Ciência e reconstrução em saúde: disrupção e provisoriedade como possibilidades emancipatórias. Rev C S Col. 2004; 9(2):469-478.
18. Carvalho YM, Ceccim RB. Formação e educação em saúde: aprendizados com a saúde coletiva. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Júnior M, Carvalho YM, organizadores. Tratado de Saúde Coletiva. 2ª. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Fiocruz; 2006. p. 137-170.